

A PÉRSIA AQUÊMÊNIDA EM PERSPECTIVA: UMA NOVA SÍNTESE HISTORIOGRÁFICA

BROSIUS, MARIA. *A HISTORY OF ANCIENT PERSIA: THE ACHAEMENID EMPIRE*. HOBOKEN, NEW JERSEY: WILEY-BLACKWELL, 2021, 288 P.

*Matheus Treuk Medeiros de Araujo*¹

“Para produzir um livro poderoso, você precisa escolher um tema poderoso”, afirma Ismael, em *Moby Dick*. “Expandimo-nos às suas dimensões” (Melville, 1851, p. 507). E poucos recusariam que as proporções e a grandeza do Império Aquemênida sejam equiparáveis à majestade do cachalote. Como, então, poderia o historiador da Pérsia, agraciado com um tema grandioso, produzir uma narrativa ao mesmo tempo concisa e à altura de seu objeto de estudo?

Eis o grande mérito do recém publicado volume *A History of Ancient Persia: The Achaemenid Empire*, de Maria Brosius (2021): trazer ao público uma narrativa sintética das façanhas dos aquemênidas, mantendo-se sempre à altura de sua missão. O volume integra a série *Blackwell History of the Ancient World*, cuja proposta é servir de guia introdutório às diversas civilizações da Antiguidade, sem jamais evitar algum aprofundamento a respeito de debates destacados de cada área. Brosius, doutora pela Universidade de Oxford por sua pesquisa sobre as mulheres na Pérsia Antiga (1996), foi também professora associada do *Department of Near and Middle Eastern Civilizations* da Universidade de Toronto. Atualmente aposentada, Brosius continua a realizar pesquisas sobre a Pérsia Pré-Islâmica, com ênfase nas suas relações com o Egeu.

De forma geral, o livro de Brosius segue uma divisão cronológica tradicional a partir dos reinados dos monarcas aquemênidas, de Ciro II a Dario III (c. 559-330 a.C.). Como de costume, após os eventos que conduzem à ascensão de Dario I, a autora dedica dois capítulos ao detalhamento de aspectos organizacionais do império, discorrendo sobre seu aparato administrativo e o funcionamento da corte (p. 85-136). O livro é extremamente bem-sucedido no propósito de entremear descrição historiográfica com a abordagem de fontes originais (amiúde extraídas do útil volume de Amélie Kuhrt, 2010),

¹ Doutor em História pelo programa de História Social da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Participa do Laboratório do Antigo Oriente Próximo da USP (LAOP). E-mail para contato: mathtreuk@gmail.com.

refletindo, como não poderia deixar de ser, um conhecimento apurado a respeito de debates atuais. Em cada capítulo, temas importantes são destacados para aprofundamento apartado, conforme o padrão dessa série.

A narrativa principal foge pouco do parâmetro seguido por outras obras de síntese desde os anos 1990. Inicialmente, a autora discute a evidência para a posição dos persas durante o último século do Império Neoassírio, ressaltando sua subordinação aos elamitas, e não a um putativo Império Medo (p. 5-15).² Passa, então, ao vácuo de poder causado pela destruição de Susa (646 a.C.), à ascensão da dinastia de Teispes, ao advento de Ciro, o Grande, e suas conquistas, da Lídia à Babilônia (p. 18-31).³ A versão negativa de Heródoto sobre Cambises, sucessor de Ciro, é questionada com base na evidência egípcia (p. 33-45).⁴ A Inscrição de Behistun, de Dario I (“DB”), é lida criticamente a fim de desvelar a provável usurpação do poder por esse monarca (p. 47-64).⁵ O reinado de Xerxes é visto como uma era de estabilidade, em contraposição à visão negativa das fontes gregas (p. 143; 146-147; 151).⁶ Artaxerxes I, Dario II e Artaxerxes II são descritos como monarcas racionais, que jogam com a divisão interna dos gregos em seu favor (p. 152-197). Da mesma forma, a ideia de uma “decadência” persa no período que precede as conquistas de Alexandre é rejeitada (p. 190-195).

Em relação aos seus predecessores, o livro de Brosius se destaca não apenas por ser o mais “recente”, mas por efetivamente ser o mais “atual”. O extenso volume de Pierre Briant (1996), detalhista e direcionado ao público especializado, decerto permanece sendo a obra de referência para o estudo desse período, mas já se encontra defasado em alguns temas que Brosius tem a vantagem de requalificar. Entre eles, a ideia de que as listas de *dahyāva* da epigrafia real persa não seriam mais do que “listas de povos”, substituída pelo entendimento de que constituíam, sim, um rol de províncias do império, em sentido territorial e administrativo, conforme demonstrado por Jacobs (2011) (Brosius, 2021, p. 114-115).⁷ Outros temas atuais envolvem as ressonâncias da tradição

² Como em outros manuais: Water, 2014, p. 21-34; Kuhrt, 2010, p. 4-5; Allen, 2005, p. 21-24; Brosius, 2006, p. 4; Briant, 1996, p. 32-38.

³ Cf. Waters, op. cit., p. 35-51; Kuhrt, op. cit., p. 47-49; Brosius, 2006, p. 8-13; Briant, op. cit., 41-60.

⁴ Cf. Waters, op. cit., p. 56-57; Kuhrt, op. cit., p. 104-105; Brosius, 2006, p. 64; Briant, op. cit., p. 66-72.

⁵ Cf. Waters, op. cit., p. 59-68; Kuhrt, op. cit., p. 135-139; Allen, op. cit., p. 42; Brosius, 2006, p. 17-18; Briant, op. cit., p. 119-127.

⁶ Cf. Waters, op. cit., p. 131; Allen, op. cit., p. 56-57; Kuhrt, op. cit., p. 238-243; Brosius, 2006, p. 25; Briant, 1996, p. 559.

⁷ Cf. Briant, 1996, p. 189. Ou, ainda, a caracterização de Alexandre como “o último dos aquemênidas” (Briant, 1996, p. 896), questionada em razão do efetivo fracasso do monarca macedônio em fixar qualquer laço sólido com a dinastia persa e seus costumes (Brosius, 2021, p. 217-219).

literária mesopotâmica no Cilindro de Ciro (p. 27) e os paralelos entre o livro de Ester e a *História* de Heródoto (p. 143-144).

A autora se distingue dos predecessores também por um privilegiado olhar sobre as mulheres do império,⁸ como, por exemplo, quando explica a importância dos casamentos dinásticos para a política de legitimação de Dario I (p. 61-64), ao descrever as posições assumidas por mulheres da corte (p. 102-103), ao mencionar dados sobre a mulheres trabalhadoras nos arquivos de Persépolis (p. 131-132), ao discorrer sobre o patrimônio de rainhas e princesas (p. 158-159), e, por fim, em sua discussão sobre a política de casamentos macedônios com mulheres orientais (p. 217-219). Outro ponto positivo é a referência a evidências arqueológicas e iconográficas, com discussões sobre *Perserie* (p. 149-150)⁹ e “persianização” das elites provinciais (p. 119-121; 175-185).

Quanto aos aspectos espinhosos, a autora endossa a ideia de uma pragmática “tolerância aquemênida” (p. 1), o que talvez reflita sua preocupação com nosso contexto crescentemente isolacionista (p. xxx).¹⁰ A debatida “Paz de Cálias” parece ser tida por fato histórico neste livro (p. 157).¹¹ O “zoroastrismo” dos aquemênidas é colocado em questão (p. 93-94), mas sem maiores detalhamentos. Aqui e alhures, em certas temáticas debatidas, a autora conscientemente adota uma posição com a qual concorda, e evita enveredar pelas turbulentas tecnicidades do debate especializado, em consonância com o propósito da obra.

Alguns tópicos específicos, contudo, poderiam ser aperfeiçoados. Em relação às questões econômicas e tributárias, o tratamento é sumário (p. 125-126), e poderia ser ampliado caso a autora explorasse as descrições sobre preços, trabalho e a organização fiscal da Babilônia Aquemênida, desenvolvidas por autores como Jursa (2010) e Pirngruber (2017). Ao longo do livro, e ao falar da corte real (p. 99-100), a autora discute pouco a instituição dos eunucos, embora sua narrativa não possa deixar de evidenciar a importância de tais figuras nos conflitos palacianos (p. 153; 205).¹² Por fim, as referências bíblicas, especificamente as tradições de Esdras e Neemias (p. 122; 158), poderiam ser submetidas a discussões sobre autenticidade e cronologia.¹³

⁸ O tema de seu doutorado (1996) figura de forma proeminente também em Brosius, 2006, p. 41-43.

⁹ A partir, sobretudo, de Miller, 1997.

¹⁰ Ideia presente também em seu volume anterior (Brosius, 2006, p. 1-2). Cf., contudo, Asheri, 2006, p. 57-64.

¹¹ Em seu volume anterior, “uma contestada tradição grega antiga” (Brosius, 2006, p. 26).

¹² A ideia de que os autores clássicos viam os eunucos de forma negativa pode ser equivocada. Cf. Lenfant, 2014.

¹³ Sobre a autenticidade das cartas e a tradição de Esdras, cf. Grabbe, 2004, p. 76-78. Além dos itens elencados, as discussões sobre o olhar enviesado das fontes clássicas continuam a partir de uma perspectiva

Nenhum desses itens é especialmente relevante à luz da natureza introdutória da obra, que, ademais, revela domínio ímpar da bibliografia especializada, combinado a uma narrativa fluida e agradável. Em termos de história factual, o livro é extremamente útil para o historiador que procura um guia conciso para se localizar em meio à complexa cronologia do império. Além disso, a conclusão do livro, com sua discussão sobre a memória dos aquemênidas em períodos subsequentes, realça aspectos pouco conhecidos da relação de Sassânidas e do Reino de Comagena com o passado Aquemênida, incluindo as vias pouco óbvias de sua familiarização com tal herança majestosa (p. 221-223).¹⁴

No balanço geral, esse volume tem méritos indiscutíveis. Não só como leitura introdutória, mas enquanto exemplo bem sucedido de história narrativa, ele deverá se impor como bibliografia geral sobre o tema. Por fim, em nosso contexto de crescente chauvinismo e extremismo, deve-se celebrar a atenção dedicada ao tema da diversidade étnica em um império antigo.

Atualmente, o volume deve ser importado, e pode ser adquirido por cerca de US\$ 50 em versão física, sem considerar os custos de conversão e frete, ou por US\$ 40, em versão digital (e-book Kindle).

Recebido: 09/04/2021

Aprovado: 13/05/2021

de oposição polar entre gregos e persas (Brosius, 2021, p. 145-147), hoje discutível em alguns casos, embora a autora revele ponderação em suas análises.

¹⁴ A partir, sobretudo, de Shayegan, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allen, L. (2005). *The Persian Empire*. Chicago: University of Chicago Press.
- Asheri, D. (2006). *O Estado Persa*. Tradução de Paulo Butti de Lima. São Paulo: Perspectiva.
- Briant, P. (1996). *Histoire de l'Empire Perse: de Cyrus à Alexandre*. Paris: Fayard.
- Brosius, M. (1996). *Women in Ancient Persia: 559-331 BC*. Oxford: Clarendon Press.
- Brosius, M. (2006). *The Persians: an Introduction*. Nova Iorque e Londres: Routledge.
- Grabbe, L. L. (2004). *A History of the Jews and Judaism in the Second Temple Period. Vol. 1 – Yehud: A History of the Persian Province of Judah*. Nova Iorque: T&T Clark International.
- Jacobs, B. (2011). *Achaemenid Satrapies*. Encyclopaedia Iranica, Disponível em: <<https://iranicaonline.org/articles/achaemenid-satrapies>>.
- Jursa, M. (2010). *Aspects of the Economic History of Babylonia in the First Millennium BC. Economic Geography, Economic Mentalities, Agriculture, the Use of Money and the Problem of Economic Growth*. Münster: Ugarit-Verlag.
- Kuhrt, A. (2010). *The Persian Empire: A Corpus of Sources from the Achaemenid Period*. Nova Iorque e Londres: Routledge.
- Lenfant, D. (2014). Le mépris des eunuques dans la Grèce classique : orientalisme ou anachronisme? In: Bottineau, A. Queyrel (ed.). *La représentation négative de l'autre dans l'Antiquité. Hostilité, reprobation, depreciation*. Dijon: Éditions Universitaires de Dijon.
- Melville, H. (1851). *Moby Dick or the Whale*. Nova Iorque: Harper & Brothers Publishers.
- Miller, M. C. (1997). *Athens and Persia in the fifth century BC: a study in cultural receptivity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pirngruber, R. (2017). *The Economy of Late Achaemenid and Seleucid Babylonia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Shayegan, M. R. (2011). *Arsacids, Sasanians: political ideology in Post-Hellenistic and Late Antique Persia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Waters, M. (2014). *Ancient Persia: A Concise History of the Achaemenid Empire: 550-330 BCE*. Nova Iorque: Cambridge University Press.